

ARTE URBANA, ARTE HUMANA: Intervenções artísticas de coletivos como vetores de apropriação e transformação nas cidades

URBAN ART, HUMAN ART: Artistic interventions by collectives as vectors of appropriation and transformation in cities

Orientação: Fernanda Rocha de OLIVEIRA<sup>1</sup>

Carla Rayssa de Melo SILVA<sup>2</sup>

Ana Clara Benjamim SILVA<sup>3</sup>

## RESUMO

Diante de cenários de desigualdade social, grupos ativistas usam a arte para expressar seu descontentamento e/ou sua intenção de mudança nos espaços urbanos. Nesse contexto, é objetivo deste artigo discorrer sobre a arte como veículo de expressão, apropriação e transformação do espaço urbano. Investigando a relação entre as intervenções artísticas e a qualidade do espaço urbano, foi elaborado um breve apanhado da literatura para reflexão sobre conceitos-chave relativos ao tema, tais como Direito à Cidade e Arte urbana. Os territórios de Crato e Juazeiro do Norte (Ceará) são utilizados como exemplos de correlação dos conceitos apresentados com realidades urbanas existentes, incluindo alguns coletivos artísticos nelas atuantes. Igualmente, foram apresentadas reflexões e sugestões para ampliação do uso da Arte como veículo de transformação urbana.

Palavras-chave: Direito à cidade, arte urbana, coletivos artísticos, apropriação espacial, CRAJUBAR.

## ABSTRACT

Faced with social inequality scenarios, activist groups use art to express their discontent and / or their intention to change in urban spaces. In this context, the objective of this article is to discuss art as a vehicle for expression, appropriation and transformation of urban space. Investigating the relationship between artistic interventions and the quality of urban space, a brief overview of the literature was prepared for reflection on key concepts related to the theme, such as Right to the City and Urban Art. CRAJUBAR's territory is used as an example of the correlation of basic concepts with an existing urban reality, including some artistic collectives active in it. Likewise, reflections and suggestions were raised to expand the use of Art as a vehicle for urban transformation.

Keywords: Right to the city, urban art, artistic collective, spatial appropriation, CRAJUBAR.

1 Docente de Arquitetura e Urbanismo e Consultora em Patrimônio Cultural. Arquiteta e urbanista graduada pela UFPB (2011) e mestre em Preservação do Patrimônio Cultural pelo IPHAN (2015). Foi membro da Rede Paulista de Educação Patrimonial - REPEP (2016). Atuou no projeto de atualização da Lei de Operação Urbana Consorciada Centro Histórico de Natal (2016). No Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba - IPHAEP, foi Coordenadora de Arquitetura e Ecologia (2015) e Coordenadora-Adjunta da Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa (2011-2013). Atua principalmente nos seguintes temas: patrimônio cultural; educação patrimonial; centros históricos; participação social; memória e território; gestão e projetos culturais; administração, instrumentos e políticas públicas.

2 Graduanda em Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário de Juazeiro do Norte.

3 Graduanda em Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário de Juazeiro do Norte.

## **ARTE URBANA, ARTE HUMANA: Intervenções artísticas de coletivos como vetores de apropriação e transformação nas cidades**

### **INTRODUÇÃO**

A forma de ocupação das cidades representa as relações sociais que nela se desenvolvem. O histórico brasileiro de políticas urbanas mostra um tratamento de privilégios para algumas classes em detrimento de outras, gerando diferentes níveis de qualidade urbana. Amplia-se, assim, a desigualdade social.

Neste cenário, surgem grupos de ativismo que buscam expressar seu descontentamento e vontade de agir diante dessas problemáticas sociais. A arte possui um papel importante nesse processo, podendo ser manifestada através de diversos elementos que, quando aplicados no espaço urbano, podem gerar novas perspectivas quanto à qualidade de vida urbana.

No caso de Juazeiro do Norte/CE, por exemplo, tais desigualdades podem ser percebidas. O município faz parte da Região Metropolitana do Cariri (RMC), constitui uma conurbação<sup>4</sup> com outras duas cidades do mesmo estado (Crato e Barbalha, compondo o CRAJUBAR), e é um dos principais destinos de religiosos no Brasil<sup>5</sup>. Embora tais características demonstrem uma entrada de capital, o investimento urbano não ocorre de maneira equilibrada no município: enquanto alguns espaços são valorizados, outros não são bem vistos e/ou apropriados por diversos cidadãos.

Em contrapartida, vê-se a atuação de coletivos artísticos inseridos na região do CRAJUBAR. Através das suas intervenções, esses grupos buscam promover uma aproximação da comunidade com o espaço urbano através da expressividade artística.

É objetivo do presente artigo discorrer sobre a arte como veículo de expressão, apropriação e transformação do espaço urbano, fazendo menção aos coletivos artísticos do CRAJUBAR como exemplos práticos desse tipo de atuação. Explorando essa frutífera relação entre a apropriação e a transformação do espaço público, refletiu-se também sobre os diálogos desejáveis desse tipo de atuação com outros agentes sociais e espaços de construção das cidades.

Assim, o artigo apresenta um breve apanhado da literatura para reflexão sobre os processos de urbanização frente ao direito à cidade (HARVEY, 2012) e do uso da Arte urbana como um vetor para a apropriação espacial, resistência e transformação social (DELEUZE; GUATTARI, 1997; DAVIS, 1984; e outros).

Depois de elaborada essa base teórica, o CRAJUBAR foi utilizado como exemplo de correlação dos conceitos tratados com uma realidade urbana existente. A partir dele foram demonstrados espaços de urbanização desigual, bem como foi destacada a atuação dos coletivos artísticos locais frente a esse cenário.

No último tópico, são propostas considerações complementares no intuito de sugerir possibilidades para ampliação do uso da arte como veículo de transformação urbana.

4 Em linhas gerais, é um processo onde as manchas urbanas de duas ou mais cidades se aproximaram de tal forma que não é possível distinguir facilmente quando uma cidade acaba e quando começa a outra.

5 Em virtude da forte relação da cidade com o Padre Cícero Romão Batista.

## A arte urbana como arte humana: apropriação e transformação do espaço urbano

A configuração dos centros urbanos reflete como a apropriação espacial desigual ocorre nas cidades, havendo maior prejuízo para pessoas em situações sociais e econômicas desfavoráveis. Para o geógrafo David Harvey (2012), a urbanização é um fenômeno de classe que beneficia apenas uma pequena parcela da população, acentuando as desigualdades sociais encontradas na cidade, distanciando e limitando as oportunidades de ocupação territorial para grupos vulneráveis.

Muitas vezes, a urbanização de maior qualidade ocorre, convenientemente, em locais estratégicos das cidades, a exemplo de áreas de interesse turístico. Em Juazeiro do Norte conseguimos observar a diferença das paisagens urbanas de alguns pontos da cidade: recentemente foram feitas intervenções pelo poder público municipal em trecho do centro da cidade, onde existe grande movimento turístico; em contraponto, observamos que zonas mais afastadas desses roteiros turísticos possuem infraestrutura e qualidade estética urbana precárias.

Figura 1 - Alameda de Juazeiro do Norte (2018) situada no centro da cidade



Foto: Lino Fly, 2019.

Figura 2 - Casas situadas na encosta da Av. Paulo Maia, em Juazeiro do Norte



Foto: Flavia Alves, 2019.

Esse descaso implica na baixa qualidade de vida da comunidade, que não é atendida pelas ações do poder público. Além das necessidades de infraestrutura básica, as pessoas apresentam diversidades culturais que, muitas vezes, não são abarcadas pelo planejamento urbano, mas podem ser expressadas através de intervenções urbanas de cunho artístico (criação de esculturas, pinturas em muros, etc.), as quais têm potencial de trazer a proximidade entre o ser e a sua territorialidade, relação esta que se dá por meio do pertencimento, fruto do reconhecimento afetivo e simbólico do espaço.

Deleuze e Guattari (1997 apud FERRACINI et al, 2014) acreditam que o território pode ser comparado a uma tela em branco, na qual emergem significados através da introdução de elementos expressivos, que trazem a noção do acolhimento. Esse processo, que é uma relação entre o pertencimento e o reconhecimento, está relacionado à questão do “ter”, uma vez que ao haver uma adoção de expressões espaciais, as quais são dotadas de valores afetivos, surge a atribuição do “ser”. Nesse sentido, a dinâmica territorial é totalmente mutável, pois os valores que são atribuídos ao espaço urbano constroem, nele, uma relação material e afetiva, incorporada com expressividade.

Segundo os autores, esses processos de territorialização são a base ou o solo da arte: de qualquer coisa produzir uma matéria de expressão, num movimento do qual emergem marcas e assinaturas que não são constitutivas de um sujeito, mas de uma morada e de um estilo. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.122-123 apud FERRACINI et al, 2014, p. 221)

Na medida em que há a integração de elementos artísticos ao ambiente urbano são abertas possibilidades para novas conexões sociais. Ao extrair a essência da vida urbana, o artista desvenda um novo sentido para apropriação espacial, dando luz a novas perspectivas de leitura da cidade, tornando-a um campo de possibilidade que se reinventa. (FERRACINI et al, 2014).

Desse modo, a arte pode ser usada como um vetor para o pertencimento social e, a partir dela, possibilitar transformações urbanas. Pode ser entendida também como um ato de resistência, uma vez que estimula sociabilidades e inspira lutas por direitos. De acordo com a ativista política Angela Davis (1984),

A arte progressista pode ajudar as pessoas a aprender não apenas sobre as forças objetivas em ação na sociedade em que vivem, mas também sobre o caráter intensamente social de suas vidas interiores. Em última análise, ela pode incitar as pessoas no sentido da emancipação social. (DAVIS, 1984, p. 138).

A libertação proporcionada pela arte reflete a resistência da comunidade que se reconhece como sujeito político e toma partido das suas emoções. Essa expressividade, transcrita em muros, calçadas, avenidas e becos, desvenda novos sentidos da vida urbana. Sua intenção é influenciar a sociedade por meio de uma linguagem palpável, que traga reconhecimento e sentido. Essa expressão possibilita o despertar libertador, uma perspectiva que subverte as correntes que nos imobilizam. Sendo a rua um espaço de manifestações, é nela que vemos a busca por libertação por meio de diferentes modos de expressões artísticas.

## A atuação dos movimentos artísticos coletivos e os exemplos do CRAJUBAR

A prática de intervir no espaço urbano, quando incorporada com a participação coletiva, potencializa o estreitamento de laços humanos e espaciais. A ressignificação que parte das expressões da comunidade traduz suas projeções, tendo em vista sua necessidade de pertencimento social e espacial.

Existem diversas vantagens nesse processo. Como acredita Jane Jacobs (2011), a participação coletiva e a manifestação cultural plural não só diversificam o ambiente urbano, proporcionando várias possibilidades criativas para a vida nas cidades, como também ajudam a erradicar a violência e criminalidade que assolam as mesmas. O princípio fundamental da vida urbana, acredita a autora, se dá por meio da colaboração coletiva:

Aprende-se a partir da experiência de outras pessoas sem laços de parentescos ou de amizade íntima ou responsabilidade formal para com você, que assumem um pouquinho da responsabilidade pública por você. (JACOBS, 2011, p. 90).

Conforme colocado anteriormente, na realidade do CRAJUBAR é possível perceber divergências de acesso a uma urbanização de qualidade. Contudo, na localidade podem ser observadas algumas manifestações artísticas de cunho social/político, que possibilitam que os transeuntes das cidades possam dialogar e refletir com o espaço urbano. Serão aqui expostas algumas manifestações realizadas por dois dos coletivos locais atuantes: “WÀ COLETIVO” e “COLETIVO CAMARADAS”.

O coletivo WÀ (que significa “caminhar” na língua indígena Kariri) é auto-organizado, formado por mulheres de diversas áreas que se unem para falar de suas vivências e de seu município. Formado em setembro de 2018, em uma oficina criativa de bordado urbano no Crato, segue atuando no Cariri cearense, no Brasil e em Portugal. (WÀ..., s/d).

As pessoas que compõem o coletivo se expressam através de técnicas tradicionalmente consideradas femininas (como o bordado e costura) que, por muitos anos, não eram lidas enquanto manifestação artística pela sociedade patriarcal. O WÀ, portanto, ressignifica tanto essas técnicas (que passaram a ser mecanismos de resistência) quanto o espaço público no qual incorpora suas intervenções, falando de feminismo, de luta, do amor e da paz. (WÀ..., s/d). A seguir são apresentados alguns exemplos da atuação do coletivo.

Figura 3 – Bordado em malha realizado no Cangaço Bar como protesto aos feminicídios recorrentes no Cariri cearense (inserido em 2018).



Foto: Carla Rayssa (15 nov. 2018).

Figura 4 – Obra Wà coração, uma intervenção feita na fachada de uma edificação antiga no centro histórico de Barbalha/CE que busca a reflexão sobre o corpo e o bem estar femininos frente à opressão do sistema midiático e da indústria da beleza (Inserido em 2019).



Fonte: @wacoletivo (perfil da Rede Social Instagram; postagem em: 23 mai. 2019).

Figura 5 – Obra em homenagem a Crislaine Guedes, jovem LGBTQIA+<sup>6</sup> brutalmente assassinada em Juazeiro do Norte. A arte busca perpetuar a imagem de Crislaine alegre, colorida e como brincante de reisado.



Fonte: @wacoletivo (perfil da Rede Social Instagram; postagem: 7 abr. 2019).

Figura 6 – As artes do coletivo são percebidas em algumas ruas no centro da cidade do Crato, a exemplo, o bordado a seguir é de uma ave característica da região: o soldadinho de Araripe (macho).



FFonte: @wacoletivo (perfil da Rede Social Instagram; postagem: 18 set. 2018).

O Coletivo Camaradas, por sua vez, foi criado em 2007, na Comunidade do Gesso, município do Crato/CE (de realidade urbana similar a Juazeiro do Norte). De cunho marxista, é formado por estudantes, artistas, produtores culturais, ativistas, pesquisadores e professores. O coletivo defende que é preciso pensar e fazer arte para as camadas populares, a fim de humanizá-las e melhorar sua qualidade de vida, atuando por meio das artes, da literatura, organização popular e das políticas públicas para a cultura. (MANUTENÇÃO...2020)

Além de intervenções urbanas, esses coletivos também atuam como uma rede de apoio para artistas da região, divulgando seus trabalhos e produzindo conteúdo cultural acessível para a comunidade.

Figura 7 – Arte de rua expressa nos muros da comunidade do Gesso, em 2020. Acredita-se que essa arte reflete a comunicação do feminino com a natureza.



Fonte: @coletivocamaradas (perfil da Rede Social Instagram; postagem: 23 jan. 2020).

Figura 8 – Intervenção de pintura em parede, feita na Comunidade do Gesso – Crato/CE. Ação realizada por civis por intermédio do Coletivo Camaradas. Na Imagem podemos observar uma representação de um pássaro nativo da região, o soldadinho do Araripe (fêmea).



Fonte: @ andremoraeslab(perfil pessoal da Rede Social Instagram; postagem: 03 dez. 2019).

Figura 9 – Intervenção de pintura em fachada feita na Comunidade do Gesso – Crato/CE. Realizada pela população local junta ao Coletivo Camaradas.



Fonte: @ andremoraeslab(perfil pessoal da Rede Social Instagram; postagem: 03 dez. 2019).

Ações como as desenvolvidas pelos coletivos aqui apresentados demonstram movimentações da sociedade em prol de uma maior adequação das suas condições de vida, incluindo aí seus gritos, delicados, mas potentes, por acesso a diversos tipos de direito à cidade. Levando mensagens por meio de uma linguagem palpável, influenciam os cidadãos locais ao reconhecimento de símbolos e sentidos que lhes são caros e/ou que incentivam uma apropriação mais adequada do território.

A arte de rua emerge, então, como vetor de transformação da paisagem urbana, se comunicando de forma criativa com os transeuntes, os convidando a contemplar e refletir sobre esse espaço e sua informação. Através de traçados plurais, os artistas imprimem uma nova cidade, novas expressões que compõem o espaço público e que, com o passar dos anos, ficam no imaginário das pessoas.

Considerações complementares: possibilidades para ampliação do uso da arte como veículo de transformação urbana

Como visto até aqui, as manifestações artísticas podem potencializar uma benéfica apropriação dos espaços públicos. Isto ocorre porque a arte revela forças, alimenta, salva e transforma espaços, nos fazendo refletir sobre sua mensagem e sobre o local que estão inseridas. É nessa perspectiva que entendemos a necessidade de ampliação dessas ações e do debate sobre elas em novas esferas.

Considerando que essas manifestações possibilitam que a população, com toda a sua diversidade e singularidade, possa entrar em conexão com o ambiente e com as pessoas ao seu redor, entendemos que esse debate deve alcançar os cursos que formam profissionais para atuar no planejamento urbano das cidades.

Um exemplo de local que forma esse tipo de profissional é o curso de Arquitetura e Urbanismo. Nele, estudantes precisam se apropriar dos conceitos e das dinâmicas urbanas que traduzem os valores e as necessidades atuais da sociedade. Para isso, precisam ficar atentos tanto à identificação dos atores sociais que compõem o planejamento urbano local, quanto das referências culturais e identitárias que estes apresentam em relação ao território.

Um exemplo desse olhar cuidadoso pode ser visto na proposta de intervenção elaborada por uma aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Juazeiro do Norte. A partir da percepção de como a arte consegue trazer a ressignificação dos elementos urbanos considerados “sem vida”, vistos como “feios”, a autora viu no muro do Teatro Municipal Marquise Branca um local adequado para a proposição de uma colagem provocativa, simulando uma intervenção artística que trouxesse para ele elementos de identidade compatíveis com a representatividade que aquele espaço tem para Juazeiro do Norte.

Essa colagem, além de transmitir novo ânimo visual a um espaço com aparência de esquecido e desassistido, traz um rosto que traduz uma forte representatividade local: Albertina Brasileiro. Conhecida artisticamente como Marquise Branca, nasceu em Triunfo, em Pernambuco, e chegou a Juazeiro do Norte em 1915, como aponta Roberto Júnior (2019). Dá nome ao Teatro Municipal Marquise Branca porque foi a primeira atriz de Juazeiro do Norte, tendo trazido grandes contribuições artísticas para a cidade.

Figura 10 – À esquerda, foto da situação atual do muro do Teatro Marquise Branca; à direita, colagem da estudante Carla Rayssa (2020), simulando uma proposta de



Foto: Carla Rayssa, 2020.

Ao resgatar essa figura que faz alusão à memória artística local, a proposta acima imprime, no lugar de uma imagem de descuido, uma composição que instiga os observadores a lembrarem de uma personagem local inspiradora; ou no caso dos que não a conhecem, a fazerem especulações a respeito da sua história e suas contribuições a cidade.

Este tipo de trabalho demonstra a transversalidade clara entre áreas como Arquitetura, Urbanismo, Artes, Sociologia, Antropologia, História, etc. E é nesse cruzamento de olhares e formas de contribuição para o planejamento das cidades que reside uma ferramenta potencial de transformação urbana a ser estimulada.

Para além do estímulo às atividades transdisciplinares no ensino superior (não apenas nas disciplinas da grade curricular, mas no fomento a projetos de extensão junto à comunidade), é importante que sejam pensadas atuações no ensino básico também, para encorajamento do engajamento social desde cedo, como uma ferramenta de luta pela cidade.

Com a soma desses diversos núcleos de reflexão sobre a cidade que queremos (escolas, universidades, coletivos), é possível o fortalecimento de uma demanda clara para a composição da agenda de políticas públicas. É desejável um urbanismo que não apenas traduza uma escuta à sociedade, mas que abra a ela oportunidades de participação ativa na transformação dos espaços (a exemplo da criação de editais com propostas de intervenção artísticas/urbanísticas).

Por meio do crescimento desses formatos de debate, expressão e reivindicação das necessidades dos diversos grupos sociais, potencializaremos a Arte Urbana como um veículo de contribuição para cidades mais humanas.

## REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

FERRACINI, Renato; LIMA, Elizabeth; CARVALHO, Sergio; LIBERMAN, Flávia; CARVALHO, Yara. Uma experiência de cartografia territorial do corpo em arte. **Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 22, p. 219-232, 2014.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Revista Lutas sociais**, São Paulo, n. 29, p. 73-89, 2012.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (obra original publicada em 1961).

JÚNIOR, Roberto. Marquise Branca a vedette do juazeiro. In: **Revista Cariri**, 23 set. 2019. Disponível em: <<https://caririrevista.com.br/marquise-branca-a-vedette-do-juazeiro/>>. Acesso em 14 de ago. de 2020.

MANUTENÇÃO da sede coletivo camaradas. **Vakinha** (Portal da Internet), 2020. Disponível em: <<https://www.vakinha.com.br/vaquinha/manutencao-da-sede-coletivo-camaradas>>. Acessado em 14 de ago. de 2020.

WA coletivo. WaColetivo: bordado, costura e crochê como arte contemporânea no espaço público. **Revista Periferias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, Jul/2019. Disponível em: <<https://revistaperiferias.org/materia/wacoletivo/>>. Acessado em 14 de ago. de 2020.